

Círculos de construção de paz como tecnologia do cuidado: experiências inovadoras para a saúde

Peacebuilding circles as a care technology: innovative experiences in health

Sara de Jesus Santos¹

Ederlan Antônio de Jesus²

Vanda Palmarella Rodrigues³

Aline Vieira Simões⁴

RESUMO

O presente artigo relata a experiência de implementação dos Círculos de Construção de Paz, como ferramenta de cuidado no campo da saúde, desenvolvida entre junho de 2024 e agosto de 2025 nos municípios de Jequié e Ipiaú, na Bahia. A iniciativa resultou da parceria entre o Programa Coração de Tinta e o Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz (GPVIO/UESB), integrando ensino, pesquisa e extensão em torno da Justiça Restaurativa (JR). Participaram graduandos, profissionais da saúde, servidores públicos, estudantes e grupos comunitários, abordando temas como masculinidades, autocuidado, saúde mental, gênero e relacionamentos. A metodologia circular, inspirada em saberes ancestrais e princípios restaurativos, favoreceu a escuta ativa, a corresponsabilidade e o fortalecimento de vínculos. Observou-se que, mesmo com o desconhecimento inicial sobre a prática, os participantes demonstraram engajamento, confiança

1 Enfermeira. Mestranda em Ciência da Saúde pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié-Ba. Membro do Programa Coração de Tinta e do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz da UESB (GPVIO/UESB).

2 Mestre em Segurança Pública. Doutorando em Ciência da Saúde, pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié-Ba. Membro fundador do Programa Coração de Tinta. Membro do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz da UESB (GPVIO/UESB).

3 Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da graduação em Enfermagem e do Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié-Ba. Membro do Programa Coração de Tinta. Líder do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz da UESB (GPVIO/UESB).

4 Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da graduação em Enfermagem e do Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié-Ba. Membro do Programa Coração de Tinta e do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz da UESB (GPVIO/UESB).

e abertura ao diálogo, reconhecendo os círculos como espaços de acolhimento, pertencimento e reflexão coletiva. A experiência evidenciou o potencial dos CCP como tecnologia relacional de cuidado e prática interdisciplinar, ao integrar os campos da saúde, educação e justiça na promoção da cultura de paz. Além disso, ressaltou-se o impacto positivo da formação de facilitadores, que possibilitou o aprimoramento teórico-metodológico e a aplicação dos princípios restaurativos em diferentes contextos sociais. Conclui-se que, embora ainda sejam necessários novos estudos para confirmar sua efetividade enquanto ferramenta de cuidado, os Círculos de Construção de Paz se mostram como estratégia promissora de promoção da saúde, de fortalecimento comunitário e de consolidação da cultura de paz.

Palavras-chaves: Círculos de construção de paz; Justiça Restaurativa; Saúde; Tecnologia do cuidado.

ABSTRACT

This article reports the experience of implementing Peacebuilding Circles as a tool for care in the field of health, developed between June 2024 and August 2025 in the municipalities of Jequié and Ipiaú, in Bahia. The initiative resulted from the partnership between the Heart of Ink Program and the Research Group on Violence, Health, and Culture of Peace (GPVIO/UESB), integrating teaching, research, and outreach around Restorative Justice (RJ). Participants included undergraduate students, health professionals, public servants, students, and community groups, addressing topics such as masculinities, self-care, mental health, gender, and relationships. The circular methodology, inspired by ancestral knowledge and restorative principles, fostered active listening, shared responsibility, and the strengthening of social bonds. Although initially unfamiliar with the practice, participants demonstrated engagement, trust, and openness to dialogue, recognizing the circles as spaces of inclusion, belonging, and collective reflection. The experience highlighted the potential of the Peacebuilding Circles as a relational care technology and an interdisciplinary practice by integrating the fields of health, education, and justice to promote a culture of peace. Furthermore, it emphasized the positive impact of facilitator training, which contributed to theoretical-methodological improvement and the application of restorative principles in different social contexts. It is concluded that, although further studies are needed to confirm their effectiveness as a care tool, the Peacebuilding Circles represent a promising strategy for health promotion, community strengthening, and the consolidation of a culture of peace.

Keywords: Peacebuilding Circles; Restorative Justice; Health; Care Technology.

INTRODUÇÃO

No Brasil, as primeiras reflexões sistematizadas sobre Justiça Restaurativa (JR) surgiram ainda na década de 1990, acompanhadas de projetos e experiências que se consolidaram nas décadas seguintes. Inicialmente vinculadas ao sistema de justiça criminal, essas práticas se expandiram progressivamente para escolas, universidades, instituições comunitárias e diversas áreas sociais. Mais do que um método de resolução de conflitos, trata-se de uma abordagem que integra saúde, educação, direitos humanos, meio ambiente e outros campos, favorecendo a prevenção da violência e a reconstrução de vínculos sociais (Brasil, 2023).

Entre as metodologias dialógicas da JR, os círculos ocupam lugar de destaque por sua dupla função: podem atuar de forma preventiva, quando grupos se reúnem para refletir sobre conflitos ou problemas que fazem parte da convivência humana, ou assumir caráter restaurativo, diante de situações concretas que envolvem ofensas, violações de direitos ou danos emocionais. Em ambos os casos, trata-se de um espaço em que o diálogo é estruturado para favorecer a escuta ativa, a corresponsabilidade e a busca coletiva de soluções (Brasil, 2023; Zehr, 2018).

Nessa perspectiva, os Círculos de Construção de Paz (CCP) se consolidam como prática inspirada em saberes ancestrais e fundamentada na valorização da dignidade, da presença e da contribuição de cada participante. A metodologia circular cria condições para que todos tenham voz igual, reforçando princípios como respeito, confiança e horizontalidade no diálogo. Mais do que um ritual de fala, trata-se de uma proposta de convivência que promove pertencimento, legitima diferentes narrativas e fortalece os vínculos comunitários (Pranis, 2011; Brasil, 2023).

No Bahia, experiências recentes têm reforçado a expansão da Justiça Restaurativa para diferentes territórios e instituições. A inserção dessa abordagem no estado é marcada por iniciativas pioneiras, como o Núcleo de Justiça Restaurativa do 2º Grau do Tribunal de Justiça da Bahia (NJR2), potencializados com o Projeto Coração de Tinta, criado em 2018 no município de Ipiaú. Essa proposta se expandiu para outras cidades e estados, envolvendo agentes da segurança pública, especialmente policiais militares, e promovendo práticas restaurativas no interior do estado (Jesus, 2023).

A difusão dos círculos na região sudoeste da Bahia foi fortalecida pela parceria entre o Programa Coração de Tinta e o Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz (GPVIO), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O grupo desenvolve ensino, pesquisa e extensão voltados a populações vulneráveis, como mulheres, idosos, pessoas com deficiência, população LGBTQIAPN+ e em situação de rua. Suas ações articulam os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) como base para compreender a violência e promover políticas de cuidado. Nesse sentido, o GPVIO contribui para prevenir agravos e incentivar estratégias intersetoriais (GPVIO, 2025).

Nessa perspectiva, os CCP convergente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), como ferramentas concretas para materializar tais metas globais, promovendo inclusão, corresponsabilidade e cultura de paz (ONU, 2025; Oliveira; Oliveira, 2025). Revelando-se como uma tecnologia relacional de cuidado que transita entre a saúde e a justiça, criando oportunidades de reflexão, pertencimento e transformação social.

A articulação entre essas áreas permite compreender os círculos não apenas como instrumentos de resolução de conflitos, mas como estratégias inovadoras de promoção da saúde, de valorização da escuta qualificada e de fortalecimento dos vínculos comunitários. Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de implementação de Círculos de Construção de Paz como ferramenta de cuidado no campo da saúde.

Métodos

O presente estudo trata-se de um relato de experiência, que busca compartilhar e refletir sobre a realização de Círculos de Construção de Paz, desenvolvidos entre os meses de junho de 2024 a agosto de 2025 nos municípios de Jequié e Ipiauí, localizados na região sul e sudoeste da Bahia. A iniciativa esteve vinculada às ações do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz (GPVIO), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em parceria com o Programa Coração de Tinta (PCT), que realizou o primeiro “Curso de formação em facilitadores em Justiça Restaurativa com foco nos Círculos de Construção de Paz – Turma 01 GPVIO/2024”.

A participação nos círculos envolveu grupos diversificados, representativos de diferentes faixas etárias, contextos sociais e espaços de atuação. Foram incluídos: graduandos de Enfermagem e Fisioterapia; membros da Liga de Saúde Mental e da Liga de Terapias Manuais; estudantes do 1º ano do ensino médio; grupo de jovens masculinos; grupos de mulheres; trabalhadores de um estabelecimento privado; servidoras do setor de Desenvolvimento Social da Prefeitura; familiares em diferentes composições; homens usuários do Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II); cuidadoras e familiares de pessoas idosas e com Alzheimer; além de um grupo composto por homens acusados de violência contra a mulher.

Os temas abordados nos círculos foram organizados a partir do levantamento das necessidades identificadas pelos próprios grupos e indicações dos próprios facilitadores. Entre eles, destacaram-se: autocuidado, autoestima, masculinidades, violência, gênero, saúde da mulher, paternidade, saúde mental, sonhos e planos para o futuro, preocupações, cuidado com as emoções, relacionamentos saudáveis e trabalho em equipe.

As experiências foram realizadas em múltiplos cenários, de modo a valorizar a potência de diferentes territórios sociais como espaços de aprendizagem e cuidado. Assim, os círculos ocorreram em ambientes acadêmicos e escolares, em instituições comunitárias, em setores privados, em lares e em órgãos da gestão pública, todos reservados, a fim de assegurar conforto e privacidade aos participantes.

No que tange ao processo de organização dos círculos, os roteiros temáticos foram inicialmente elaborados pelas facilitadoras responsáveis e, em seguida, submetidos à revisão e validação dos instrutores do Programa Coração de Tinta. Esse processo garantiu a coerência metodológica e a adequação dos conteúdos às necessidades de cada grupo participante, sem perder de vista os princípios éticos da prática restaurativa.

A facilitação dos círculos ficou a cargo de duas enfermeiras, pesquisadoras vinculadas ao GVPIO, contando ainda com a colaboração de um capitão da Polícia Militar da Bahia, membro fundador do Programa Coração de Tinta. Essa composição da equipe organizadora proporcionou uma experiência interdisciplinar, integrando saberes da saúde, da segurança pública e da promoção da cultura de paz, o que ampliou as possibilidades de diálogo e reflexão junto aos participantes.

Todos os encontros obedeceram aos elementos essenciais da prática circular, contemplando a utilização de objetos de fala, check-in, a cerimônia de abertura, a construção de valores e diretrizes, condução por meio de perguntas disparadoras, checkout e cerimônia de encerramento. Contando com recursos didáticos e peça de centro: músicas, dinâmicas, técnicas de respiração, caixinhas temáticas, livros, materiais pessoais e hospitalares, bonecos representando gênero e outros objetos temáticos.

Os círculos tiveram duração média de duas horas. A realização dos encontros foi autorizada pelas instituições, planejada e agendada de forma flexível, permitindo adaptações diante das necessidades dos participantes e das especificidades dos contextos em que os círculos foram realizados.

Desenvolvimento e discussão

A parceria entre o Programa Coração de Tinta e o Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz constituiu um marco importante, especialmente nas discussões sobre Cultura de Paz dentro do grupo. Essa colaboração ampliou perspectivas a partir da “troca de lentes”, incorporando a Justiça Restaurativa, os Círculos de Construção de Paz e a comunicação não violenta como elementos centrais, fortalecendo também as ações extramuros da universidade.

O apoio do PCT possibilitou a formação da primeira turma de facilitadores em Justiça Restaurativa com foco nos círculos de construção de paz, representando um diferencial para a universidade. Essa formação se somou às atividades já desenvolvidas de forma distinta pelo grupo e programa, expandindo a realização de círculos com múltiplas temáticas em espaços até então inéditos para a atuação do programa.

Assim, com a formação de novos facilitadores, as pautas discutidas no grupo de pesquisa passaram a ser articuladas junto a diferentes públicos, como estratégia para disseminar conteúdos relacionados à saúde e gênero. Nesse sentido, a realização dos CCP revelou seu potencial como prática inovadora, capaz de integrar escuta qualificada, acolhimento e promoção da saúde em variados contextos sociais e institucionais.

Os encontros se consolidaram como espaços de diálogo, ao ter como suporte a comunicação não-violenta, que favoreceram a observação, a expressão de sentimentos, necessidades e pedidos (Rosenberg, 2006), criando oportunidades para que os participantes partilhassem vivências singulares e coletivas. Nesse processo, emergiram reflexões significativas acerca de temáticas sensíveis, como masculinidades, violência, saúde mental, relações de gênero, paternidade e autocuidado.

As escolhas das temáticas para o campo da saúde trazem a perspectiva dos determinantes e condicionantes, ao compreender que a saúde e a doença estão integradas de forma dinâmica às condições concretas de vida dos sujeitos e dos grupos sociais. Nesse sentido, ajudam a compreender como aspectos como classe social, gênero, etnia, condições de trabalho, vínculos afetivos e contextos comunitários influenciam não apenas a ocorrência de agravos, mas também a possibilidade de cuidado e de promoção da saúde (Fonseca *et al.*, 2024; Buss; Pelegrini-Filho, 2007).

Observou-se que apesar do desconhecimento da prática por parte dos participantes, o que exigiu adaptações na condução dos encontros, houve receptividade, abertura positiva e engajamento dos grupos, disposição para o diálogo horizontal e participação ativa. Muitos participantes relataram que o espaço possibilitou compartilhar sentimentos e fragilidades, permitindo que chorassem, desabafassem e refletissem sobre questões pessoais e coletivas. Ao externalizar o desejo de participar de outros círculos, descrevendo como uma experiência terapêutica.

Contudo, salientamos que os CCP não se constituem como uma modalidade de terapia. Trata-se de um método de diálogo estruturado, no qual o facilitador conduz o processo sem assumir papel terapêutico, e todos compartilham a responsabilidade pela conversa. Diferentemente de tratamentos clínicos, não há prescrições ou orientações sobre como agir, mas a criação de um espaço de respeito e corresponsabilidade. Assim, ainda que despertem sensações semelhantes a uma terapia coletiva, esse não é o objetivo dos círculos (Pranis, 2011; Silva, 2022).

A experiência evidenciou que os CCP podem ser compreendidos como uma tecnologia relacional de cuidado, ao possibilitar vínculos mais sólidos e relações de confiança entre os participantes. Esse aspecto foi ressaltado não apenas nas falas dos grupos, mas também na percepção dos facilitadores, que reconheceram nos círculos um potencial que vai além da resolução de conflitos.

Nos diferentes contextos de aplicação, acadêmicos, comunitários, institucionais, escolares e até familiares, os círculos mostraram-se capazes de mobilizar sentimentos de pertencimento e reconhecimento mútuo. Em todos eles, destacou-se a importância da valorização da voz de cada participante, promovendo a pluralidade e garantindo que diferentes perspectivas fossem incluídas no diálogo.

Os resultados desta experiência dialogam com achados de outras pesquisas, evidenciando que os CCP se consolidam como espaços de escuta e fala marcados pela confiança e pelo respeito. Os estudantes, por exemplo, relataram sentir-se confortáveis para se expressar sem medo de julgamentos, reconhecendo na metodologia uma oportunidade de liberdade e autenticidade (Silva; Soares; Almeida, 2023).

Em outro contexto, professores destacaram a experiência como positiva, sobretudo pela qualidade do diálogo e pela possibilidade de adaptação às necessidades dos grupos (Jesus, 2023). Entre os homens, notou-se o fortalecimento progressivo da conexão e da confiança, permitindo que verbalizassem sentimentos antes silenciados, inclusive revelando emoções e histórias inéditas em um espaço coletivo (Mendonça, 2022).

Outro ponto relevante foi a reflexão sobre corresponsabilidade, que surgiu em diversos grupos. Ao compartilhar experiências, os participantes puderam reconhecer-se como parte de um processo coletivo, fortalecendo a ideia de que o cuidado não se limita ao indivíduo, mas se constrói em rede. Essa percepção dialoga com a noção de prática social, na qual a promoção do bem-estar está intrinsecamente relacionada às formas de convivência e aos vínculos estabelecidos no cotidiano (Fonseca *et al*, 2024).

Para as facilitadoras, um dos desafios iniciais esteve relacionado ao aprofundamento teórico com a metodologia, para a elaboração dos roteiros, a fim de que cada etapa estivesse de acordo aos elementos essenciais das práticas circulares em concordância com as temáticas propostas e grupos de participantes. Além da aquisição gradual dos materiais que subsidiariam a montagem das peças de centro.

A condução dos círculos depende de elementos estruturais que favorecem a escuta ativa e a participação equitativa, sendo essencial a capacitação formal dos facilitadores. Esse atuará como participante igual, criando

um espaço seguro e respeitoso, conduzindo as etapas e formulando perguntas norteadoras. Seu papel não é controlar os conteúdos, mas engajar os participantes na corresponsabilidade pelo diálogo e manter a qualidade do espaço coletivo. Essa atuação evidencia que a eficácia dos círculos está diretamente relacionada à sensibilidade, atenção e preparo do facilitador (Boyes-Watson; Pranis, 2011).

Essa fase de adaptações e aprendizado, contudo, foi superada à medida que os círculos eram realizados e as facilitadoras aprimoravam suas habilidades, tornando-se mais seguras na condução, contando com o apoio e incentivo dos instrutores do PCT. A experiência representou uma oportunidade de resignificar não apenas a própria atuação profissional, reconhecendo que práticas restaurativas podem ser aplicadas de modo criativo em campos distintos, mas gerar reflexões pessoais aos próprios facilitadores.

A realização dos círculos mostrou-se desafiadora, mas também inovadora, por possibilitar a vivência concreta de princípios como empatia, equidade e cuidado compartilhado. Esse aprendizado fortalece a compreensão de que os CCP, ao mesmo tempo em que se constituem como ferramentas de Justiça Restaurativa, também podem se configurar como estratégias inovadoras em outros contextos, alinhadas à promoção da cultura de paz.

Conclusão

A realização dos Círculos de Construção de Paz demonstrou sua relevância como prática dialógica capaz de integrar saúde, educação e justiça, favorecendo a criação de espaços seguros para a expressão de sentimentos e partilha de experiências. Ao valorizar a voz de cada participante, os círculos fortaleceram vínculos e estimularam a corresponsabilidade, possibilitando novas formas de pensar o cuidado e a convivência coletiva.

Além de evidenciar acolhimento e pertencimento, os círculos permitiram reflexões sobre questões sociais e de saúde, como masculinidades, violência, gênero e saúde mental, revelando-se como uma tecnologia relacional de cuidado. A experiência mostrou que, mesmo diante de resistências iniciais, a prática desperta engajamento, confiança e liberdade para falar de temas antes silenciados.

Outro aspecto importante foi o reconhecimento dos círculos como oportunidade de ressignificar práticas profissionais. Para os facilitadores, a condução dos encontros contribuiu para ampliar saberes e fortalecer a interdisciplinaridade, unindo saúde, segurança pública e educação na promoção da cultura de paz. Esse processo indicou que a Justiça Restaurativa pode ser incorporada de forma criativa e efetiva em diferentes contextos sociais.

A parceria entre o GPVIO e o Programa Coração de Tinta mostrou-se fundamental para consolidar e expandir a prática dos Círculos de Construção de Paz. Por meio dessa colaboração, foi possível formar novos facilitadores, adaptar os círculos a diferentes públicos e territórios, e integrar as metodologias restaurativas às agendas de saúde, educação e assistência social.

Apesar dos desafios e de caminhos para o aperfeiçoamento dentro do âmbito da Justiça Restaurativa, essa articulação e implementação dos círculos no âmbito universitário da pesquisa e da extensão abrem caminhos para novos estudos das práticas restaurativas como estratégia de cuidado coletivo, promovendo inclusão, corresponsabilidade e a cultura de paz em múltiplos contextos, visando ir indo além da resolução de conflitos.

REFERÊNCIAS

BOYES-WATSON, C.; PRANIS, K. **No coração da esperança**: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis. Tradução: Fátima de Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

BRASIL. Corregedoria Nacional do Ministério Público. Guia de Práticas Restaurativas / Conselho Nacional do Ministério Público. Brasília: CNMP, 2023.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 17, p. 77-93, 2007.

FONSECA, M. C., *et al.* Promoção de saúde e os fatores condicionantes e determinantes de saúde e sua influência no contexto social – uma reflexão. **Contribuciones a las ciencias sociales**, v.17, n.1, p. 5454–5468, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.1-325> Acesso em: 30 set. 2025

GPVIO. Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz. Jequié: UESB, 2025. Disponível em: <https://gpviouesb.site/> Acesso em: 31 set. 2025.

JESUS, E.A. **Polícia Militar da Bahia e as práticas restaurativas nas escolas públicas do Município de Ipiáú**: um estudo de caso sobre o Projeto Coração de Tinta. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania). Universidade Federal da Bahia, 2023.

MENDONÇA, S. M. B. S. **As práticas restaurativas no CEJUSC de Ilhéus na perspectiva dos acusados de violência doméstica**. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania). Universidade Federal da Bahia, 2022.

OLIVEIRA, T.S.; OLIVEIRA, G. R. Justiça restaurativa como estratégia para o cumprimento da ODS 16: caminhos para a paz, o acesso à justiça e o fortalecimento de instituições inclusivas. **Revista PPC – Políticas Públicas e Cidades**, Curitiba, v.14, n.7, p.01-31, 2025. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/2475/1500> Acesso em: 31 set. 2025.

ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel> Acesso em: 30 set. 2025

PRANIS, K. **Processos circulares de construção de paz**. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2011.

ROSENBERG, M. **Comunicação não-violenta**. São Paulo: Ágora, 2006

SILVA, M.C. L. Círculos de construção de paz como metodologia de diálogo na educação. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.12, p. 79231-79244, 2022.

SILVA, M. C. L.; SOARES, N. D. S.; ALMEIDA, R. de O. A percepção dos estudantes sobre os círculos de construção de paz. **Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação**, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 06-22, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/31962/27548>
Acesso em: 29 ago. 2025

ZEHR, H. **Trocando as lentes: justiça restaurativa para o nosso tempo**. Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2018.